

A Universidade do Recife. — Creação de uma cadeira de estudos nordestinos (*)

A idéa da fundação de uma universidade no Recife vem desde a época da occupação dos holandeses; elles tinham já assentado o plano dessa universidade em 1654, quando foram expulsos daqui.

Em 1820, como refere o nosso chronista Pereira da Costa, o ouvidor geral da comarca Venâncio Bernardino de Uchôa, pede ao soberano reinante D. João 6.º a criação de uma universidade em Pernambuco, onde se estudasse quanto comprehendesse o ensino completo de todas as Faculdades, “sendo essa a oportunidade de conceder-se tal beneficio ás provincias do Norte deste Reino do Brasil”.

E nas Instrucções da comarca municipal de Olinda aos deputados pernambucanos á Assembléa constituinte brasileira de 1823; figurava uma clau-

(*) Indicação apresentada ao Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, realizado, no Recife, em fevereiro de 1926.

sula relativa ao estabelecimento de uma universidade alli "para a educação scientifica da mocidade".

Em cem annos de vida politica independente, ainda não se poudo realizar essa tão antiga aspiração. Só com a ultima lei do ensino é que se organizou definitivamente a Universidade do Rio de Janeiro ficando desde logo expresso nella um dispositivo referente a outras universidades, que poderão vir a ser creadas se chegarem a satisfazer certas exigencias alli estabelecidas.

Assim, já temos pelo menos a espectativa legal de uma universidade no Nordeste, com a sua séde localisada aqui no Recife. O cumprimento da promessa da lei está agora dependendo tão somente de um accôrdo entre o Governo do Estado e o Governo Federal quanto á renda destinada ao custeio das Faculdades não actualmente officiaes e que devem constituir a futura universidade. Concluido esse ajuste para o qual, parece, já se acham dados os primeiros passos com a dotação ultimamente feita pelo governo de Pernambuco á nossa Faculdade de Medicina, a Universidade do Nordeste será então uma realidade.

Não quero entrar aqui em considerações sobre as vantagens reaes do ensino universitario e nem tão pouco fazer a critica dos differentes systemas de organização d'esse mesmo ensino: seria isso descabido, desde que outro não é meu intento senão apresentar ao voto deste Congresso uma ligeira indicação, como é a presente, e que não chega a ser mesmo propriamente uma these a se discutir.

Parece-me, entretanto, ser já o momento de fazer rejuvenescer as velhas universidades, enxertando-lhes no organismo caduco elementos novos,

e, com mais forte razão, de fazer entrar nas universidades que agora se fundam também novos objectos de estudo. Isso se vai tornando cada dia, e com maior evidencia, de absoluta necessidade, afim de que não aconteça entorpecerem de vez, ou não possam offerecer a precisa vitalidade, uns e outros desses institutos.

Renovar, revigorar e completar as universidades antigas, e animar as universidades modernas, sem o rompimento da tradição, com o espirito da nossa actualidade, é o que é opportuno fazer.

Ha que se dar á corrente do ensino uma outra direcção. A nossa epoca é inteiramente impregnada de senso historico, de critica, de estudo do mundo physico pela observação e experiencia. Ora, é a falta justamente de semelhante orientação que constituia o grande obstaculo opposto ao desenvolvimento scientifico das universidades da idade média de que as actuaes se originam. Não se possuindo então o senso historico, ignorava-se naturalmente a continuidade do desenvolvimento humano, sentimento sem o qual se é reduzido a desconhecer a natureza mesma da sciencia. Eternamente verdadeira será a palavra de Goethe, segundo a qual o homem não pode comprehender senão o de que elle explica as origens.

A criação, que se annuncia proxima, de uma universidade no Nordeste não é um favor do Governo central aos Estados situados nesta região, ella é uma necessidade imposta por motivos realmente superiores ao criterio ephemero das mercês regionaes — filhas da politica.

Essa universidade terá de ser necessariamente fundada, com ou sem o auxilio da União, por um movimento de natural iniciativa dos Estados nordestinos, os quaes, tendo uma formação semelhan-

te, não podem entreter senão as mesmas aspirações.

Cada vez se accentúa mais a originaria e complexa diversidade existente entre o Norte e o Sul do paiz, e menos justificavel se torna, pois, o conceito ou, como nos diz o Snr. Oliveira Vianna, o preconceito da sua uniformidade e da sua homogeneidade.

“E’ costume, escreve o autor das *Populações Meridionaes do Brasil*, falar do povo brasileiro como se fosse uma massa homogenea e unica, distensa, com perfeita igualdade, através de uma vastissima superficie de oito milhões de kilometros quadrados, e guardando por toda ella a mesma densidade social e a mesma unidade de composição e de estrutura. Dos que assim pensam nenhum se deu ao trabalho de desmontar as diversas peças e elementos de que se compõe este vasto organismo, para vêr como elle se formou e como elle funciona. E’ natural que delle tenham apenas uma idéa vaga, ou uma idéa incompleta, ou uma idéa falsa. Levam em conta a unidade da raça, da civilização e da lingua, e não sei o que mais; mas, não querem levar em conta a diversidade dos *habitats*, a sua acção durante tres ou quatro seculos, as variações regionaes no caldeamento dos elementos ethnicos e principalmente a innegavel differença das pressões historicas e sociaes sobre a massa nacional, quando exercidas ao norte, ao centro e ao sul.”

O Nordeste brasileiro tem os seus problemas á parte; os seus problemas que não podem ser de facto, semelhantes aos do centro e nem aos do sul do paiz; nelle a condição geographica e a evolução historica são muito differentes das que caracterizam as outras regiões. Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco e Alagôas constituem, sob

o ponto de vista geographico, uma mesma região. A constituição geologica lhes é analoga. O clima com as suas varias zonas climaticas é igual. Produzem as mesmas plantas e criam os mesmos animaes. Soffrem irmãmente a fatalidade das seccas. Estão expostas ás mesmas doenças. A devastação vegetal e animal — uma das modalidades da “economia destructiva”, conforme a classificação de Brunhes — é nelles identica. Apresentam um typo uniforme de habitação. Os seus moveis e utensilios se assemelham. Não differem a fórma e a physionomia de suas povoações e de suas estradas. Os meios de communicação e de transporte lhes não são tambem differentes. Celebram elles as mesmas festãs e possuem um *folk-lore* que lhes é peculiar. Identifica-os, emfim, a comunidade de interesses e aspirações, que suscitam n’elles os mesmos problemas e que deviam fazer d’esses cinco Estados do Nordeste uma só unidade politica, como, geographicamente, formam elles uma só região.

E’ para o preciso estudo desses nossos problemas regionaes, que seria altamente desejavel se creasse na universidade a ser aqui fundada brevemente, uma cadeira comprehendendo o ensino da geographia physica, ethnographica, social, historica, economica, da anthropogeographia em summa do Nordeste brasileiro.

A geographia pode ser estudada sob pontos de vista muito diversos. O dominio desta sciencia cada dia se tornando mais vasto, mais necessario e mais importante é assim o seu estudo. A historia lhe diz quaes são as formações politicas que se têm succedido sobre o solo; ella deve estudar as cidades, as populações, saber que ha aqui desertos, alli florestas, além ricas culturas; de um lado, uma

região sulcada de estradas e de canaes, do outro, de pontes; ella deve conhecer os esforços que têm sido feitos para transformar um solo ingrato em campos fecundos.

Trazendo-lhe a economia politica a sua luz, forma-se assim esse novo ramo de geographia, a geographia economica, que sobrepõe á geographia physica, a geographia politica e historica, o estudo raciocinado das produções da agricultura e da industria, das vias de communicacão e dos movimentos do commercio, do agrupamento das populações. E' precisamente a importancia crescente destes factos economicos, são as relações mais frequentes pelas viagens e pelo commercio que têm feito hoje da geographia um estudo mais necessario que outrora.

O ensino secundario da geographia, como não tem por fim formar engenheiros nem sabios, mas preparar, abrir intelligencias, e ao mesmo tempo dotal-as do conhecimento de certos factos que um homem bem educado não pode hoje ignorar, deve conservar um character geral e abraçar a geographia sob os seus tres aspectos.

O ensino superior, porém, tem mais liberdade e admite muito mais diversidade que o ensino secundario. A sciencia geographica é de tal modo vasta que ninguem pode gabar-se de abrangel-a inteira em todas as suas partes. Ella tem necessidade de ser cultivada e ensinada não só por professores das Faculdades das sciencias como por professores das Faculdades de lettras.

E', pois, de desejar e esperar que seja instituida uma cadeira de estudos nordestinos ou de geographia scientifica da região do Nordeste, in-

cluida no curso da Faculdade das sciencias e das
letras da nossa futura universidade.

Odilon Nestor.